



MULHERES NEGRAS: DORORIDADE, INTERSECCIONALIDADE E VIVÊNCIAS COTIDIANAS

MUJERES NEGRAS: DORORIDAD, INTERSECCIONALIDAD Y EXPERIENCIAS COTIDIANAS

BLACK WOMEN: "DORORIDADE", INTERSECTIONALITY, AND EXPERIENCES EVERYDAY

Janaize Batalha NEVES¹
Adriana de Souza GOMES²
Márcio Rodrigo Vale CAETANO³

RESUMO

O presente trabalho, tem como objetivo fazer uma reflexão acerca das dores que trazem as mulheres negras, dores estas sentidas por parte de nós, que somos atravessadas pelo racismo e pelo sexismo, pelas tentativas de silenciamento, pela solidão que acomete a mulher negra, a luta que é sobreviver em uma sociedade hegemônica. Iremos refletir sobre o atual conceito que, a intelectual, antirracista e feminista Vilma Piedade nos apresenta: a Dororidade. Conceito este, que carrega toda a força e todas as dores que vivenciamos em nossas trajetórias individuais de mulheres negras. "Sororidade, etimologicamente falando, vem de sóror-irmãs. Dororidade, vem de dor, palavra-sofrimento. Seja físico. Moral. Emocional. Mas qual o significado

¹ Mestranda; Universidade Federal de Pelotas; Brasil; janabneves@hotmail.com

² Mestranda; Universidade federal de Pelotas; Brasil; adrianasecretariado@gmail.com

³ Doutor; Universidade Federal de Pelotas; Brasil; mrvcaetano@gmail.com

da dor? Aqui tá no conceito”, contextualiza Vilma Piedade⁴, abordagem de um tema urgente e um conceito necessário. Usando o movimento de pensar a investigação, atuando como um agente transformador, este artigo traz um debate nos eixos raça e gênero, com uma discussão crítica o artigo abordará intersecções que permitirá uma compreensão nas relações de sexismo e racismo. Evidenciando como metodologia a Escrivência de Conceição Evaristo⁵, trazendo diálogos e questionamentos, reverberando assim a importância de reconhecer as especificidades das mulheres negras enquanto sujeitos pertencentes a esta sociedade racista e sexista. As Escrivências são narrativas construídas através do lugar de fala e a escrita propriamente dita na primeira pessoa, uma metodologia que utiliza da experiência da autora para narrar as experiências de outras tantas mulheres. Numa perspectiva mais ampla, espera-se que o resultado deste artigo possa subsidiar outros estudos, corroborar na construção do pensamento decolonial. O artigo discute as opressões enfrentadas por nós mulheres negras. Analisando as diversas violências vivenciadas e trazendo o feminismo negro aliado com o conceito de dororidade, resultando numa compreensão e fortalecimento das lutas, combatendo as opressões e dores que algumas mulheres negras trazem consigo.

Palavras-chave: Dororidade; Feminismo; Racismo; Mulheres negras

RESUMEN

El presente trabajo pretende reflexionar sobre los dolores que traemos las mujeres negras, dolores que sentimos nosotras, atravesadas por el racismo y el sexismo, por los intentos de silenciar, por la soledad que afecta a las mujeres negras, la lucha

⁴ PIEDADE, Vilma. *Dororidade*. São Paulo: Nós, 2017, p. 17

⁵ EVARISTO, Conceição. *Gênero e Etnia: uma (escrevi)vência de dupla face*. João Pessoa: Ideia/Editora Universitária, 2005.

que es sobrevivir en un sociedad hegemónica. Reflexionaremos sobre el concepto actual que nos presenta la intelectual, antirracista y feminista Vilma Piedade: Dororidade. Este concepto, que lleva toda la fuerza y todo el dolor que experimentamos en nuestras trayectorias individuales como mujeres negras. “Sororidad, etimológicamente hablando, viene de sororidad. Dororidad, viene del dolor, palabra-sufrimiento. Sea físico. Moral. Emocional. Pero, ¿cuál es el significado del dolor? Aquí está en el concepto”, contextualiza Vilma Piedade⁶, abordando un tema urgente y un concepto necesario. Utilizando el movimiento de pensar en investigación, actuando como agente transformador, este artículo trae un debate sobre los ejes de raza y género, con una discusión crítica el artículo abordará intersecciones que permitirán una comprensión en las relaciones de sexismo y racismo. Evidenciando la *Escrevivência* como metodología, de Conceição Evaristo⁷, trayendo diálogos y preguntas, repercutiendo así la importancia de reconocer las especificidades de las mujeres negras como sujetos pertenecientes a esta sociedad racista y sexista. Las *Escrevivências* son narraciones construidas a partir del lugar del habla y la escritura misma en primera persona, una metodología que utiliza la experiencia de la autora para narrar las experiencias de tantas otras mujeres. En una perspectiva más amplia, se espera que el resultado de este artículo pueda apoyar otros estudios, corroborar la construcción del pensamiento decolonial. El artículo analiza las opresiones que enfrentamos las mujeres negras. Analizando las diversas violencias vividas y trayendo el feminismo negro aliado al concepto de dororidad, resultando en una comprensión y fortalecimiento de las luchas, combatiendo la opresión y el dolor que algunas mujeres negras traen consigo.

⁶ PIEDADE, Vilma. *Dororidade*. São Paulo: Nós, 2017, p. 17

⁷ EVARISTO, Conceição. *Gênero e Etnia: uma (escrevi)vência de dupla face*. João Pessoa: Ideia/Editora Universitária, 2005.

Palabras clave: Dororidad; El feminismo; Racismo; Las mujeres negras

ABSTRACT

The present work aims to reflect on the pains that black women bring, pains that are felt by us, who are crossed by racism and sexism, by attempts to silence, by the loneliness that affects black women, the struggle that is to survive in a hegemonic society. We will reflect on the current concept that the intellectual, anti-racist and feminist Vilma Piedade presents to us: Dororidade. This concept, which carries all the strength and all the pain we experience in our individual trajectories as black women. "Sorority, etymologically speaking, comes from sorority sisters. Dorority, comes from pain, word-suffering. Be physical. Moral. Emotional. But what is the meaning of pain? Here it is in the concept", contextualizes Vilma Piedade⁸, approaching an urgent topic and a necessary concept. Using the movement of thinking about research, acting as a transforming agent, this article brings a debate on race and gender axes, with a critical discussion the article will approach intersections that will allow an understanding in the relations of sexism and racism. Evidencing *Escrevivência* as a methodology, by Conceição Evaristo⁹, bringing dialogues and questions, thus reverberating the importance of recognizing the specificities of black women as subjects belonging to this racist and sexist society. The *Escrevivências* are narratives built through the place of speech and writing itself in the first person, a methodology that uses the author's experience to narrate the experiences of so many other women. In a broader perspective, it is expected that the result of this article can support other studies, corroborate the

⁸ PIEDADE, Vilma. *Dororidade*. São Paulo: Nós, 2017, p. 17

⁹ EVARISTO, Conceição. *Gênero e Etnia: uma (escrevi)vência de dupla face*. João Pessoa: Ideia/Editora Universitária, 2005.

construction of decolonial thinking. The article discusses the oppressions faced by us black women. Analyzing the various violence experienced and bringing black feminism allied with the concept of dorority, resulting in an understanding and strengthening of struggles, fighting the oppression and pain that some black women bring with them.

Key-Words: “Dororidade”; Feminism; Racism; Black Women

1. O silenciamento e a dor nos corpos negros

Neste artigo iremos abordar um conceito atual, trazido por Vilma Piedade, dororidade, o qual aprofunda o diálogo com as realidades que acreditamos, sejam vivenciadas por parte significativa das mulheres negras. Um conceito que nasce da necessidade desse olhar para esses corpos, invisibilizados, silenciados, traumatizados, carregando dentro do seu ser, muitas dores, muitas cicatrizes e feridas abertas em nossas entranhas, marcas que muitas vezes se transformam em adoecimento e que realmente só consegue compreender quem traz em sua pele a cor da noite. Trata-se de um conceito, que carrega a força e as dores que vivenciamos em nossas trajetórias individuais e coletivas de mulheres negras. “Sororidade, etimologicamente falando, vem de sóror-irmãs. Dororidade, vem de dor, palavra-sofrimento. Seja físico. Moral. Emocional. Mas qual o significado da dor? Aqui tá no conceito”, contextualiza¹⁰. Abordagem de um tema urgente e um conceito necessário.

Ao longo do artigo, com base no aporte teórico, iremos estudar, analisar e interpretar as dores e vivências do cotidiano das mulheres negras. No referencial teórico iremos transitar entre: Vilma Piedade¹¹, onde discutiremos o conceito de Dororidade, Beatriz Nascimento¹², onde elucidamos sobre a diáspora negra, Walsh¹³, na perspectiva da epistemologia decolonial, com Lélia Gonzalez¹⁴, tensionamos o cotidiano das

¹⁰ PIEDADE, Vilma. *Dororidade*. São Paulo: Nós, 2017, p. 17.

¹¹ *Ibidem*.

¹².apud RATTS, Alex. *Eu sou Atlântica: Sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Instituto Kuanza, 2006.

¹³ WALSH, Catherine. *Interculturalidad, Estado, sociedad: luchas (de)coloniales de nuestra época*. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar/Ediciones AbyaYala, 2009.

¹⁴ GONZALEZ, Lélia. - Uma mulher de luta. Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades. *Jornal do MNU*. 30 jan. 2015. Disponível em: <https://www.ceert.org.br/noticias/genero-mulher/6204/lelia-gonzalez--uma-mulher-de-luta>. Acesso em: 14 out. 2021.

mulheres negras, a subalternidade bem como a importância do movimento negro nas lutas, da população negra, trazemos também bell hooks¹⁵, para dar aporte teórico na metodologia escolhida trazemos Conceição Evaristo¹⁶ que cunha o conceito da Escrivência.

Numa análise no contexto geral, a situação da mulher negra no Brasil, está muito longe de ser considerada o ideal, o racismo, sexismo histórico e estrutural, determinam a desigualdade, a inferiorização. A escravidão significou e ainda atualmente é sinônimo de igualar a população negra, a condição de mercadoria.

Uma diáspora negra, parafraseando Jurema Werneck¹⁷, nossos passos vêm de longe, nossa luta e resistência é ancestral. Importante debater sobre interseccionalidade, tendo em vista que as pautas das mulheres negras cujas vivências são marcadas por especificidades, particularidades diferentes das mulheres brancas, a diferença de classe, raça e gênero faz com que a raça negra siga na subalternidade.

[...] o corpo negro se constitui e se redefine na experiência da diáspora e na transmigração (por exemplo, da senzala para o quilombo, do campo para a cidade, do Nordeste para o Sudeste) [...] O indivíduo negro, com o seu corpo em relações (con)sentidas, percorre em transmigração territórios negros fragmentados pela diáspora¹⁸.

Diáspora negra, ou diáspora africana nome dado ao fenômeno histórico e sociocultural, devido uma imigração que foi forçada com fins escravagistas, nessa barbárie o controle dos corpos negros, e diante do apagamento é que vêm a necessidade de reconstruir a história onde a população negra, aqui com recorte as mulheres negras, sejam protagonistas de suas escrituras, desmistificar o corpo negro como mercadoria, hipersexualização do ser.

Numa perspectiva epistemológica decolonial, busca se uma desconstrução histórica em que o sujeito ganha voz, escreve e fala sobre sua própria história, narrativas essas que carregam uma circularidade de saberes, tentando sobreviver a uma sociedade hegemônica, que silencia e maltrata, a mulher negra. Para falar sobre dororidade, é

¹⁵ HOOKS, bell. *Intelectuais negras*. Tradução de Marcos Santarrita. Florianópolis: Revista Estudos Feministas, 1995.

¹⁶ EVARISTO, Conceição. *Gênero e Etnia: uma (escrevi)vência de dupla face*. João Pessoa: Ideia/Editora Universitária, 2005.

¹⁷ WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maisa & WHITE, Evelyn C. (Orgs.) *O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe*. 2. Ed. Rio de Janeiro, Pallas/Criola, 2006.

¹⁸ RATTIS, Alex. *Eu sou Atlântica: Sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Instituto Kuanza, 2006, p. 65-69.

preciso que coloquemos em pauta, a discussão sobre a realidade experimentada cotidianamente por nós, mulheres negras!

Como traz Walsh¹⁹, a teoria decolonial traça um caminho de luta, luta essa travada contra a violência de uma hegemonia colonial, sendo assim ele afirma:

Não pretendemos simplesmente desarmar, desfazer ou reverter o colonial; ou seja, passar de um momento colonial a um não colonial, como se fosse possível que seus padrões e traços deixassem de existir. A intenção, antes, é apontar e provocar um posicionamento - uma postura e uma atitude contínuas - para transgredir, intervir, emergir e influenciar. O decolonial denota, então, um caminho de luta contínua em que podemos identificar, tornar visíveis e favorecer 'lugares' de exterioridade e construções alternativas²⁰.

Mulheres negras no movimento coletivo, no Brasil ao fim dos anos 70, militantes negras por dentro do movimento negro iniciaram a formação de núcleos e coletivos femininos com fins políticos. Naquela época, as mulheres que participavam do movimento negro identificavam posturas machistas por parte dos militantes homens, logo cabe destacar que, práticas como estas ainda são presenciadas na atual sociedade e engendradas em muitos movimentos e organizações sociais, onde os homens ainda agem de forma autoritária, ainda tentam investir no silenciamento da fala das mulheres, que algumas vezes se dá por ameaças verbais. Importante dizer, que em locais onde predominam a presença dos homens, geralmente tudo acaba por se encaminhar de maneira que as decisões importantes fiquem a cargo da opinião masculina.

Estas e outras problemáticas, presente no cotidiano das mulheres negras, discutidas pelas militantes do movimento negro fizeram emergir, em julho de 1983 no Rio de Janeiro, independente do movimento negro, um grupo autônomo, o Nzinga coletivo de mulheres no qual Lélia Gonzalez foi a primeira coordenadora. A escolha do nome para o coletivo feminino é uma homenagem à rainha africana que na sua época, lutou para enfrentar o poder colonial em Angola. Lélia foi de suma importância na propagação de um discurso crítico e analítico, sobre a posição subalternizada da mulher negra na sociedade brasileira, quando vários militantes do Movimento Nacional Unificado - MNU, ainda não tinham uma discussão aprofundada sobre questões que envolviam a mulher negra, logo Lélia serviu de porta voz e fez da sua fala, às nossas. A ativista negra que foi fundadora do Movimento Negro Unificado, também é responsável pela criação de conceitos importantes na demarcação da

¹⁹WALSH, Catherine. *Interculturalidad, Estado, sociedad: luchas (de)coloniales de nuestra época*. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar/Ediciones AbyaYala, 2009.

²⁰ *Ibidem* p. 14-15.

contribuição do povo negro, na sociedade brasileira, como por exemplo o “pretuguês”, muito utilizado por ela na forma de comunicação falada e escrita. “Eu gostaria de colocar uma coisa: minoria a gente não é tá? A cultura brasileira é uma cultura negra por excelência, até o português que falamos aqui é diferente do português de Portugal. Nosso português não é português é “pretuguês”²¹. Somos descendentes do continente africano, povos diaspóricos espalhados pelo mundo, somos originários de povos que foram escravizados, segundo a pesquisadora quando explica o conceito por ela trazido.

(...) aquilo que chamo de ‘pretuguês’ e que nada mais é do que marca de africanização no português falado no Brasil (...). O caráter tonal e rítmico das línguas africanas trazidas para o Novo Mundo, além da ausência de certas consoantes, como o l ou o r, por exemplo), apontam para um aspecto pouco explorado da influência negra na formação histórico-cultural do continente como um todo²².

Na sociedade brasileira sempre esteve presente o sexismo, e além dele também sempre muito presente a discriminação, mais especificamente a diferença entre raças. Estava evidente que a mulher negra, todavia, sofre duplamente, por questões de gênero e de raça. Podemos constatar na obra, “Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira”, de Lélia Gonzalez²³, quando a pesquisadora faz referência a mulher negra/mulata no contexto do carnaval e busca explicar que a articulação entre o racismo, caracterizado pela neurose cultural brasileira e o sexismo, produzem violentos efeitos na leitura que se dá para a mulher negra/mulata na sociedade brasileira, ainda nos dias de hoje.

Pesquisando no eixo Gênero e Raça, este estudo se propõe a estudar, analisar e interpretar as dores e vivências do seu cotidiano.

Como referencial teórico transitamos entre: Vilma Piedade, Lélia Gonzalez, bell hooks, Conceição Evaristo, entre outras não menos importantes, tendo como embasamento conceitos e revisão literária.

²¹GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984, p. 223-244

²²GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. *Tempo Brasileiro*, nº. 92/93, Rio de Janeiro, jan./jun.1988

²³ GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984, p. 223-244

2. Escrevivências de corpos negros

Evidenciando como metodologia a Escrevivência²⁴ de Conceição Evaristo, trazendo diálogos e questionamentos, reverberando assim a importância de reconhecer as especificidades das mulheres negras enquanto sujeitos pertencentes a esta sociedade racista e sexista. As Escrevivências são narrativas construídas através do lugar de fala e a escrita propriamente dita na primeira pessoa, uma metodologia que utiliza da experiência da autora para narrar as experiências de outras tantas mulheres. Numa perspectiva mais ampla, espera-se que o resultado deste artigo possa subsidiar outros estudos, corroborar na construção do pensamento decolonial. O artigo discute as opressões enfrentadas por nós mulheres negras. Analisando as diversas violências vivenciadas e trazendo o feminismo negro aliado com o conceito de dororidade, resultando numa compreensão e fortalecimento das lutas, combatendo as opressões e dores que algumas mulheres negras trazem consigo.

Pesquisando no eixo Gênero e Raça, este estudo se propõe a estudar, analisar e interpretar as dores e vivências do cotidiano neste estudo com recorte as mulheres negras.

3. A luta para (re)existir

Retomando a discussão, cujo objetivo é trazer para uma análise crítica as dores que traz a mulher negra em sua vivência, a qual se trata de um (re)existir a todo momento: resistir por ser mulher, resistir por ser preta! Esse corpo é político! É um corpo preto, feminino que é político por ser a própria luta, que é afrontoso por ser indesejável no imaginário dos racistas, e é nesse sentido que a resistência se torna astúcia e faz com que ela siga em frente, que não a deixa desistir, que faz das dores e cicatrizes uma armadura para aguentar e suportar as investidas e os obstáculos, os quais são impostos por uma sociedade patriarcal, machista, racista e violenta para com suas mulheres pretas. Parafraseando bell hooks²⁵, se o amor cura, o desamor adocece.

²⁴ EVARISTO, Conceição. *Gênero e Etnia: uma (escrevi)vência de dupla face*. João Pessoa: Ideia/Editora Universitária, 2005.

²⁵ HOOKS, bell. Vivendo de amor. *Portal Geledés*, 09 mar. 2009. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>. Acesso em 10 out. 2021.

Nessa direção, pode-se pensar sobre a falta de afetividade e solidão são dores que acompanham a mulher preta de longa data, a representação social da mulher negra sobre afetividade e sexualidade está muito presente no imaginário da sociedade, porém de forma estigmatizada tanto pelo fetichismo como pelo servilismo. Para Lélia González²⁶, as imagens das negras estão vinculadas, quase sempre, aos estereótipos de servilismo profissional e sexual, o que diz muito sobre a forma na qual a mulher negra é objetificada, tratada como se fosse um objeto, uma coisa da qual não há necessidade de levar-se em consideração seus sentimentos e desejos. A mulher negra é vista como uma pessoa que irá satisfazer fetiches, proporcionar prazer e cuidar dos filhos das mulheres brancas.

[...] Mais que qualquer grupo de mulheres nesta sociedade, as negras têm sido consideradas 'só corpo, sem mente'. A utilização de corpos femininos negros na escravidão como incubadoras para a geração de outros escravos era a exemplificação prática da ideia de que as 'mulheres desregradadas' deviam ser controladas. Para justificar a exploração masculina branca e o estupro das negras durante a escravidão, a cultura branca teve que produzir uma iconografia de corpos de negras que insistia em representá-las como altamente dotadas de sexo, a perfeita encarnação de um erotismo primitivo e desenfreado²⁷.

Essas noções do papel da mulher negra perpetuada na sociedade atual, de que a mulher negra deve servir, cuidar está presente desde os tempos em que, corpos negros sobreviviam a chibata e outras barbáries no período da escravização.

Algumas literaturas que ainda falam sobre o amor não ter cor, mas quem minimamente, acompanha as discussões étnico-raciais, as lutas sobre gênero e classe, consegue mensurar o quanto o racismo presente na estrutura do país, coloca a mulher negra em uma crescente situação de solidão afetiva, que por vezes, denota que o amor tem cor sim, e não é a cor preta. A mulher negra passa a vida sendo excluída dos grupos sociais, começando pelos colegas de escola, pois é comum nos depararmos com situações de solidão que envolvem crianças negras, por exemplo na hora do recreio, na divisão das duplas para realizar trabalhos e dependendo do local onde moram, também podem não serem chamadas para as brincadeiras, aniversários. Ao longo da vida, a realidade não se diferencia tanto, pois os relacionamentos amorosos, as carreiras também são impactadas pela força do

²⁶ GONZALEZ, Lélia. - Uma mulher de luta. Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades. *Jornal do MNU*. 30 jan. 2015. Disponível em: <https://www.ceert.org.br/noticias/genero-mulher/6204/lelia-gonzalez--uma-mulher-de-luta>. Acesso em: 14 out. 2021.

²⁷HOOKS, bell. *Intelectuais negras*. Tradução de Marcos Santarrita. Florianópolis: Revista Estudos Feministas, 1995, p. 469.

racismo e do sexismo, porém é nesta fase da vida que alguns percebem que há algo intrínseco nas relações sociais.

O marco temporal que torna ilegal a escravização de seres humanos no Brasil é extremamente recente, há um pouco mais de dez décadas atrás nossos antepassados, estavam sendo escravizados, ressaltando que a lei que torna crime tal prática, nunca foi eficiente de forma a coibi-la ou extingui-la até os dias atuais, e muito disso resulta na falta do autocuidado, muitas vezes dificuldade de demonstrar afeto em palavras, mas contraditoriamente, consegue dispensar generosos, gestos de cuidado com o próximo, muito senso de coletividade, trabalho em grupo, empatia e cuidado com a sociedade, mas consigo mesma não consegue ou deduz que isso pode esperar e enquanto espera segue no cuidado maternal de todos e segue ao longo de muitos anos à espera desse momento para se cuidar. Como ninguém a cuida, nem ela mesmo, ela segue sem notar que seu corpo clama por cuidado, que sua alma pede ajuda, que seu espírito grita por socorro. “O amor cura. Quando somos feridos nos espaços onde deveríamos conhecer o amor, é difícil imaginar que o amor realmente tenha o poder de mudar tudo”²⁸.

Existem dores impossíveis de serem esquecidas, são cicatrizes que sangram a cada lembrança. As memórias são guardadas a sete chaves, a intenção é para que residindo no esquecimento, elas não venham a sangrar mais. Sabemos que a força da nossa história e da nossa ancestralidade, nos fortalece e nos faz seguir sempre com a esperança que o amor cura e que merecemos ser amadas pelas nossas crias, famílias, amigos e, o mais importante, por nós mesmas.

Como afirma hooks, “O amor redime. Apesar de todo desamor que nos cerca, nada tem sido capaz de bloquear nosso desejo pelo amor”²⁹. Por todas essas ponderações importantes, e outras tantas que ficaram de fora, tão importante que as trazidas aqui é que Vilma Piedade, nos presenteia com um conceito, pois segundo a autora, sororidade não dava conta das dores trazidas pelas mulheres negras, era preciso mais, é preciso Dororidade. “É maravilhoso o que você diz”, fala a escritora e professora universitária, política, Marcia Tiburi, ao ouvir Vilma Piedade numa tarde de sábado, onde se reuniram para discutir os rumos do movimento de protagonização de

²⁸ HOOKS, bell. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. São Paulo, Elefante, 2021, p. 237.

²⁹ *Ibidem* p. 247.

mulheres para a política, num bate papo descontraído, depois de tantas coisas que absorveram neste encontro, Marcia ouve de Vilma: “Não é sororidade, é dororidade”. Vilma Piedade, uma intelectual brasileira, ativista, escritora, graduada na faculdade de letras, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, autora do livro, que traz no nome o conceito por ela criado, dororidade, conhecida por sua dedicação ao movimento antirracista e por seu feminismo crítico. A autora dialoga no feminismo a participação da mulher negra, no palco da história, no feminismo negro e que possamos ocupar os espaços de poder instituídos, ela repara que ainda somos poucas na esfera política.

Diante dessa aparente facilidade, sou tentada a pensar que todo conceito carrega um mundo de significados e significantes... não é estático... pressupõe... reflexão, discursos... significar... resignificar... multiplicidade... transformação... Isso, tudo junto, parece funcionar como norteadores da questão conceitual. Logo, o conceito não é algo acabado, pronto, imutável e descolado do seu tempo, é circular³⁰.

Como todo conceito de pensadoras e filósofas negras, criadas para nós, este conceito não menos que o “Pretuguês” de Lélia Gonzalez, *Escrevivências de Conceição Evaristo*, dororidade vem com toda força, amor, afeto e circularidade que merecemos e precisamos para seguir sempre (re)existindo. Vilma Piedade faz uma provocação nas páginas do seu livro, ela questiona se o termo sororidade, dá conta de nós, dos nossos jovens e de todas as mulheres pretas?

A sororidade parece não dar conta da nossa pretitude. Foi a partir dessa percepção que pensei em outra direção, num novo conceito que, apesar de muito novo, já carrega um fardo antigo, velho conhecido das mulheres: a Dor - mas, neste caso, especificamente, a dor que só pode ser sentida a depender da cor da pele. Quanto mais preta, mais racismo, mais dor³¹.

O lugar de fala é um lugar de pertencimento, afirma Vilma, que fala como ativista, mulher preta, feminista, ativista que também fala pelas que vieram antes dela, que fala pelas que estão silenciadas, que fala pelas oprimidas. Vilma vai mais além, diz que sororidade une, irmana, mas que não basta para nós. A resposta obviamente não pode ser definida e como todo conceito depende de uma multiplicidade, de uma circularidade, entendemos que sororidade era necessário e importante ter, mas que dororidade emerge das necessidades e especificidades das mulheres pretas.

Sororidade, se formos buscar seu significado, no latim sóror, significa irmãs, poderíamos entender que traduzisse, uma aliança, uma irmandade, já a dororidade traz no seu significado Dor, da palavra sofrimento, seja qualquer tipo de sofrimento

³⁰PIEADADE, Vilma. *Dororidade*. São Paulo: Nós, 2017, p. 16.

³¹ *Ibidem*, p. 17.

sofrido, emocional, físico ou moral. A palavra dor, pelo latim quer dizer, dolor. Engloba todas as dores mais distintas que podem ser sentidas. “Não há dor maior ou menor. Dor não se mede. É de quem sente. Há dor, Dor dói e ponto”³².

Tendo em vista toda discussão acerca das opressões enfrentadas pelas mulheres negras e todas as especificidades dessas mulheres, com o aporte teórico e a revisão da literatura, se reverbera a importância da pesquisa, que tem como objetivo estudar, analisar, subsidiar outros estudos e contribuir na construção do pensamento decolonial, fortalecendo as lutas e combatendo as tentativas de silenciamento e apagamento.

4. Resignificação do ser

O racismo silencia, exclui, domina! Para a mulher negra, existir é um ato político, são muitos embates durante nossa trajetória, ser mãe, ser profissional, ser filha, ser companheira, ser humano, existir e usar a voz e a escrita como modo de se posicionar, fazendo com que crie discussões e porque não criar desconfortos, pois já dizia Conceição Evaristo: “Nossa história não foi escrita para ninar os da casa grande, e sim para acordá-los dos seus sonhos injustos”³³.

O racismo estrutural que vivemos na nossa sociedade, o machismo cada vez mais violento contra as nossas mulheres, o sexismo, os julgamentos, os desafetos, criar nossos filhos negros retintos, na incerteza do que o mundo reserva para eles, o mundo acadêmico que em muitos momentos não está pronto para nos receber e nem dialogar nossas pautas, o campo profissional que nos julga por sermos mulheres e nos nega acesso por sermos negras, a sociedade que estabelece padrões estéticos, que não condizem com o nosso eu, todas essas situações que ao longo da nossa trajetória de vida somos expostas, criam cicatrizes, muitas dores e magoas. E essas dores, só são sentidas e só entende quem passa, algumas pessoas podem ter empatia, sororidade, pode existir uma rede de afetos para minimizar os efeitos dessas dores e só.

Dororidade é isso, é sentir e entender a dor, é saber o quanto dói. Dororidade é a dor que só o preto sente. Nós somos, devemos ser, nossos antepassados esperam isso de nós, precisamos ser, nossos mais novos esperam isso de nós. Nem sempre será bom ser, algumas vezes o racismo vai nos barrar, às vezes a luta será sutil, outras

³² *Ibidem*, p. 18.

³³ EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

violenta, porém terá as vezes que sairemos de cabeça erguida e vitoriosas e isso minhas deusas, todo o esforço e toda luta, terá valido a pena.

Dororidade, um presente de uma de nós, para nós!

Ubuntu, eu só sou, porque somos.

Referências bibliográficas

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição. **Gênero e Etnia: uma (escrevi)vência de dupla face**. João Pessoa: Ideia/Editora Universitária, 2005.

GONZALEZ, Lélia. **A categoria político-cultural de amefricanidade**. Tempo Brasileiro, nº. 92/93, Rio de Janeiro, jan./jun.1988.

GONZALEZ, Lélia. Uma mulher de luta. Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades. **Jornal do MNU**. 30 jan. 2015. Disponível em: <https://www.ceert.org.br/noticias/genero-mulher/6204/lelia-gonzalez--uma-mulher-de-luta>. Acesso em: 14 out. 2021.

HOOKS, bell. Intelectuais negras. Tradução de Marcos Santarrita. Florianópolis: **Revista Estudos Feministas**, 1995.

HOOKS, bell. Vivendo de amor. **Portal Geledés**, 09 mar. 2009. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>. Acesso em 10 out. 2021.

HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. São Paulo, Elefante, 2021.

PIEIDADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Nós, 2017.

RATTS, Alex. **Eu sou Atlântica: Sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. São Paulo: Instituto Kuanza, 2006.

WALSH, Catherine. **Interculturalidad, Estado, sociedad: luchas (de)coloniales de nuestra época**. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar/Ediciones AbyaYala, 2009.

WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maisa & WHITE, Evelyn C. (Orgs.) **O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe**. 2. Ed. Rio de Janeiro, Pallas/Criola, 2006.